

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## O MÉTODO ANALÍTICO E MÉTODO DIALÉTICO NA *POÉTICA* DE ARISTÓTELES

Fernando Gazoni  
Doutorando – Filosofia / USP

**RESUMO:** Alguns pontos da *Poética* de Aristóteles apresentam uma argumentação bastante consistente. Tal é o caso da seqüência dos capítulos iniciais, notadamente os capítulos 1, 2 e 3, onde são analisados os termos por meio dos quais se diferenciam as diversas artes miméticas e que serão retomados um a um na célebre definição de tragédia, no início do capítulo 6. Esse também é o caso quando se trata, no capítulo 7, de determinar qual seria a extensão apropriada para a tragédia: enuncia-se um princípio geral (o belo reside no tamanho – *mégethos* – e na ordem – *táxis*) para inferir daí certas características do bom enredo. Essas duas seqüências argumentativas, não obstante seu caráter cerrado, parecem não ser suficientes para dar conta, no primeiro caso, da aparição abrupta, na definição da tragédia, da *kátharsis* do medo e da piedade. No capítulo 7, por sua vez, não deriva do princípio geral apresentado a exigência de que a tragédia tenha uma extensão suficiente para a mudança da fortuna para o infortúnio ou vice-versa (1451 a 11-15). A comunicação que ora se apresenta pretende colocar em relevo esses pontos e relacioná-los ao que parece ser um certo déficit analítico quando se trata de abordar questões de ordem ética na *Poética*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Poética* – argumentação – ética

**ABSTRACT:** Alguns pontos da *Poética* de Aristóteles apresentam uma argumentação bastante consistente. Tal é o caso da seqüência dos capítulos iniciais, notadamente os capítulos 1, 2 e 3, onde são analisados os termos por meio dos quais se diferenciam as diversas artes miméticas e que serão retomados um a um na célebre definição de tragédia, no início do capítulo 6. Esse também é o caso quando se trata, no capítulo 7, de determinar qual seria a extensão apropriada para a tragédia: enuncia-se um princípio geral (o belo reside no tamanho – *mégethos* – e na ordem – *táxis*) para inferir daí certas características do bom enredo. Essas duas seqüências argumentativas, não obstante seu caráter cerrado, parecem não ser suficientes para dar conta, no primeiro caso, da aparição abrupta, na definição da tragédia, da *kátharsis* do medo e da piedade. No capítulo 7, por sua vez, não deriva do princípio geral apresentado a exigência de que a tragédia tenha uma extensão suficiente para a mudança da fortuna para o infortúnio ou vice-versa (1451 a 11-15). A comunicação que ora se apresenta pretende colocar em relevo esses pontos e relacioná-los ao que parece ser um certo déficit analítico quando se trata de abordar questões de ordem ética na *Poética*.

**KEY-WORDS:** Poetics – argumentation – ethics

Na tabela dada em anexo (ANEXO I) está detalhada uma dificuldade encontrada por todos que fazem uma leitura minuciosa dos primeiros capítulos da *Poética*, até o início do

Gazoni, Fernando  
Método analítico e método dialético na *Poética* de Aristóteles

capítulo 6, pelo menos. No início do capítulo 6 está a famosa definição de tragédia e ela é precedida por um anúncio que afirma explicitamente que a definição que está para ser dada toma seus elementos a partir do que foi dito anteriormente, e me parece natural considerar esse ‘a partir do que foi dito’ como referência aos capítulos anteriores da *Poética*. Ora, não é difícil notar que os elementos da definição nem todos se encontram nos capítulos precedentes. A lacuna mais famosa é a catarse, mas não é a única. Esse fato não é novidade, e está citado em vários comentadores. Na tabela há três deles: Eudoro de Sousa, um dos tradutores da *Poética* para o português, Augusto Rostagni, cuja edição da *Poética* serve de base para a tradução de Eudoro, e Dupont-Roc e Lallot, naquele que me parece ser a última edição comentada de peso da *Poética* aparecida em língua francesa.

Na tabela, depois da tradução de definição de tragédia proposta por Eudoro de Sousa, estão listados os pontos da *Poética* aos quais cada comentador remete quando se trata de justificar a presença dos elementos da definição.

O fato para o qual eu quero chamar atenção é que, quando há concordância entre os intérpretes, essa concordância está referida a pontos dos capítulos 1, 2 e 3. Esse é o caso da coluna 1 (referida ao capítulo 1), da coluna 3 (referida ao capítulo 2), da coluna 6 (referida ao capítulo 3) e da coluna 5, se não levarmos em conta a omissão de Eudoro (referida ao capítulo 1). Não é de surpreender. Essa concordância, referida a esses capítulos, seria esperada. É o próprio Aristóteles quem explicitamente fala de três elementos por meio dos quais as artes imitativas se diferenciam, após arrolar a epopéia, a tragédia, a comédia, a arte do jambo, a aulética e a citarística como imitações. É natural esperar que esses elementos, abordados nos capítulos 1, 2 e 3, estejam retomados na definição. Outro ponto em que Eudoro, Rostagni e Dupont-Roc e Lallot estão de acordo é na omissão da catarse nos capítulos precedentes. Restam então as discordâncias nas colunas 2 e 4. No caso da coluna 2, a dificuldade se explica pelo fato de Aristóteles, quando introduz a questão da ação na tragédia, fala não da ação, mas dos agentes: ‘uma vez que aqueles que imitam imitam pessoas que agem’. Na definição de tragédia, entretanto, a imitação é dita imitação de uma ação, e não de agentes. A diferença não é de pouca importância, uma vez que a passagem dos agentes (capítulo 2) à ação (capítulo 6, definição da tragédia) funda a prevalência do *muthos* (o enredo) sobre o *ethos* (o caráter) na tragédia, e essa maior importância do *muthos* é fundamental. Quanto à coluna 4, que diz respeito à completude da tragédia, devemos notar que a discordância que há entre os intérpretes está diretamente ligada ao problema da passagem dos agentes à ação: é a ação, o

Gazoni, Fernando  
Método analítico e método dialético na *Poética* de Aristóteles

*muthos*, que deve ser completa, e como a ação não tinha sido introduzida senão indiretamente, por meio dos agentes, não haveria como tratá-la explicitamente antes da definição.

Apontadas essas lacunas, me interessa agora propor uma questão. Por que, em um tratado que parece se armar de maneira tão sistemática, há essas lacunas evidentes? Afinal, trata-se da definição de tragédia, e ela, nos parece, deveria ser resultado cabal dos capítulos que a preparam. Claro, os capítulos 1, 2 e 3 estão na definição, mas, por um lado, nem todos os elementos da definição estão nos capítulos precedentes, nem todos os capítulos precedentes estão na definição. Me refiro aqui aos capítulos 4 e 5. Qual seria a função deles?

Não é raro encontrar nos textos aristotélicos essa característica desconcertante: muitas vezes as conclusões não são sustentadas a contento pelas premissas que deveriam fundamentá-las. É inútil, por vezes, tentar extrair dos textos uma pressuposta coerência que eles de fato não comportam. Temos um texto, então, que em aparência é bastante sistemático (como é o caso da relação entre os capítulos 1, 2 e 3 da *Poética* e a definição de tragédia no capítulo 6), mas que, de fato, tem lacunas surpreendentes.

Há algumas soluções tradicionais para essa perplexidade. Uma delas é reivindicar para os textos um caráter não acabado: eles seriam notas de aula de Aristóteles, completadas oralmente, durante a exposição; ou seriam notas de aula tomadas por algum aluno, ou mesmo notas coletivas depois resumidas e organizadas em um *corpus* mais ou menos coerente.

Mas também há outras soluções. Para o nosso caso específico, a definição de tragédia, há, por exemplo, há uma interpretação tradicional a que se refere Eudoro de Sousa, no seu comentário à passagem. Segundo essa interpretação, haveria outros textos Aristotélicos a respeito da poesia, e seriam esses textos que complementariam de maneira suficiente a definição dada. Quando Aristóteles, então, diz que a definição de tragédia resulta do que foi dito anteriormente, devemos entender a referência àquilo que foi dito anteriormente como muito mais ampla que o âmbito restrito da *Poética*.

Haveria, ainda, uma outra solução, mais interessante na medida em que não é tributária das contingências em que os textos foram escritos ou transmitidos. Trata-se de dizer que o método de Aristóteles, aqui, é um método dialético. Quando se diz que o método é dialético, isso imediatamente evoca, como oposição, o método analítico, que seria típico das matemáticas. Aristóteles não parte de princípios necessariamente verdadeiros, como em uma demonstração científica, para daí derivar por meio de silogismos suas conclusões também

Gazoni, Fernando  
Método analítico e método dialético na *Poética* de Aristóteles

necessariamente verdadeiras, como em uma demonstração matemática, mas parte de algumas evidências razoáveis para, por meio da análise de certas dificuldades, montando um raciocínio que nem sempre é linear, chegar a certas conclusões. A coerência que procuramos – e não encontramos – nos capítulos iniciais da *Poética* resulta do fato de abordarmos o texto de maneira preconceituosa, querendo extrair dele uma coerência própria de uma demonstração. Estaríamos tentando ler analiticamente um texto dialético. Desse equívoco de leitura resulta certo descompasso que sentimos entre os capítulos iniciais e a definição de tragédia.

José Arthur Giannotti (Giannotti, 2001, p.18), na apresentação que faz para o livro *Ciência e Dialética em Aristóteles*, de Osvaldo Porchat, atribui a este a afirmação de que a dialética aristotélica “se constitui como propedêutica à ciência, pratica um método preliminar de argumentação contraditória e crítica, que não se constrói sobre a *verdade*, mas se move no terreno da opinião e laboriosamente prepara o terreno para a apreensão dos princípios das ciências, princípios pelos quais as ciências principiam. Trata-se, na dialética, da etapa ascendente do processo de conhecimento, de natureza indutiva, indo do particular ao universal, do que é mais conhecido para nós e está mais próximo à sensação e à observação ao que delas está mais distanciado, ao que em si mesmo é mais cognoscível”.

Isso parece descrever, em certo sentido, essa parte inicial da *Poética*. Se seguirmos mais um pouco com Giannotti (Giannotti, 2001, p.19), encontraremos ali retratado nosso erro ao exigir da *Poética* uma coerência a toda prova: “A elucidação entre teoria do conhecimento científico e a dialética permite que se lance uma luz diferente sobre os tratados vários que compõem o *corpus aristotelicum*. Eles não se apresentam como cadeias silogísticas dedutivas, o que neles Aristóteles habitualmente nos expõe são “os meandros de sua investigação (dialética) em marcha, o lento tatear do trabalho preliminar de pesquisa”, os argumentos de várias naturezas, mais ou menos conclusivos, por vezes entre si contraditórios, de que lançou mão para estabelecer seus princípios e premissas. Mostra-se então como um grande número de estudiosos e comentadores, porque não compreenderam a complementaridade entre dialética e ciência, se vêem obrigados a postular oposições desnecessárias entre a teoria da ciência e a prática da ciência em Aristóteles”.

Observemos, entretanto, que há certos problemas quando descrevemos esses primeiros capítulos como dialéticos, e dialéticos no sentido em que o professor Porchat diz. Não me parece adequado, por exemplo, descrever os trechos iniciais da *Poética* como um “lento tatear do trabalho preliminar de pesquisa”, ou dizer que ali estão “argumentos de várias naturezas,

Gazoni, Fernando  
Método analítico e método dialético na *Poética* de Aristóteles

mais ou menos conclusivos, por vezes entre si contraditórios”. Isso talvez se aplique a certos capítulos da ética aristotélica, da física ou da metafísica<sup>1</sup>. Parece-me que os argumentos, na *Poética*, pelo contrário, são bem diretos e claros, como também Aristóteles segue um plano criteriosamente traçado logo de início: as espécies de poesia são imitações, que se diferenciam por meio de três elementos, analisados sem maiores dificuldades nos capítulos 1, 2 e 3 e recuperados, de maneira mais ou menos direta, na definição. Outro ponto perturbador é que esse suposto método dialético na *Poética* parece prescindir completamente daquilo que é parte fundamental da dialética: as opiniões aceitas, as *endoxa*. Claro, poderíamos encontrar essas *endoxa* ali no início do tratado, onde se arrolam as diversas espécies de poesia como imitações. Essa seria, talvez, uma opinião aceita por todos. Mas isso representa apenas um ponto, ainda que importante, da definição. Que as diferentes artes miméticas se diferenciam por meio de três elementos e quais são eles, isso não é apresentado como opinião reputada. Além disso, essa única opinião aceita – que as diferentes espécies de poesia são imitações – não é posta em dúvida nem ao menos questionada, como seria próprio do método dialético. A afirmação de Aristóteles é direta e taxativa.

Se, levando adiante essa linha de raciocínio, procurarmos no próprio *corpus* aristotélico o que seria o método dialético, me parece que fica ainda mais enfraquecida a pretensão de reivindicá-lo para a *Poética*. O professor Marco Zingano (Zingano, 2007), em artigo recentemente publicado na *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, propõe, recorrendo aos textos do próprio Aristóteles, que o argumento dialético é aquele que tem como premissas as opiniões reputadas (*Tópicos*, I, 100 a 29-30). Ora, tais argumentos não estão presentes na *Poética*.

Se a *Poética*, então, não usa silogismos científicos nem dialéticos, qual é, enfim, seu método? Gostaria de sugerir a tese de que a *Poética*, no seu início, é analítica, mas não analítica como em uma demonstração matemática, e sim analítica no sentido em que ela cumpre, pelo menos grosso modo, o roteiro da pesquisa científica que está dado no segundo livro dos *Analíticos Posteriores*.

Ora, Aristóteles procura a definição de tragédia, o *ti estin* da tragédia. Essa é uma das perguntas que orienta a pesquisa científica, de acordo com o segundo livro dos *Analíticos Posteriores*. E a maneira como essa pesquisa é feita parte de algo que é bem conhecido de

---

<sup>1</sup> Veja-se, entretanto, o artigo de Marco Zingano citado logo mais à frente.

Gazoni, Fernando  
Método analítico e método dialético na *Poética* de Aristóteles

todos: que a tragédia, como outras artes, é imitação. Esse é um ponto inicial, não necessariamente opinião reputada a ser questionada, mas um fato conhecido e aceito. E é à luz também do segundo livro dos *Analíticos Posteriores* que ganha um sentido coerente o capítulo 4 da *Poética*: ali se responde ao *dioti*, o porquê, outra das perguntas que orienta a pesquisa científica. Por que existem esses objetos miméticos, um tanto estranhos, um tanto surpreendentes? Ora, eles existem porque o imitar é natural no homem, que sente prazer nas imitações realizadas, e porque a harmonia e o ritmo também nos são naturais.

Claro que essa aproximação entre a *Poética* e o segundo livro dos *Analíticos Posteriores* está aqui apenas esboçada. Pode-se objetar, por exemplo, que o âmbito dos *Analíticos Posteriores* e os exemplos dados lá estão muito mais próximos das pesquisas em ciências naturais. O que é o eclipse?, porque se dá o eclipse?, etc. Haveria muito mais a fazer para mostrar a pertinência dessa sugestão, mas a tese talvez seja profícua.

### Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poetica*: introduzione, testo e commento di Augusto Rostagni. Trad. Augusto Rostagni. 2ª ed. rev. Torino: Chiantore, 1945.

\_\_\_\_\_. *Poética*: tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Trad. Eudoro de Sousa. 5 ed. [S.]: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998.

\_\_\_\_\_. *La poétique*: texte, traduction, notes par Roselyne Dupont-Roc et Jean Lallot. Trad. Roselyne Dupont-Roc e Jean Lallot. Paris: Éditions du Seuil, 1980

GIANNOTTI, J.A. Introdução. In: Porchat, O. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

ZINGANO, M. Aristotle and the problems of method in ethics. *Oxford studies in ancient philosophy*. v. XXXII, p. 297-330, summer 2007.

[Recebido em março de 2008; aceito em abril de 2008.]

Gazoni, Fernando  
Método analítico e método dialético na *Poética* de Aristóteles

Eudoro de Sousa, definição de tragédia (1449 b 24 – 28)

“É, pois, a tragédia imitação (1) de uma acção (2) de carácter elevado (3), completa (4a) e de certa extensão (4b), em linguagem ornamentada (5a) e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama] (5b), [imitação que se efectua] não por narrativa (6), mas mediante actores (6), e que, suscitando o terror (7a) e a piedade (7a), tem por efeito a purificação (7b) dessas emoções”

(Eudoro de Sousa, *Poética*, 5<sup>a</sup>. edição, p. 110)

	1	2*	3	4*	5	6	7
	imitação	ação	nobre	completa	ornamentos	atores	catarse (purificação)
Eudoro	47 a 13 Capítulo 1	48 a 1 Capítulo 2	48 a 19 Capítulo 2	49 b 9 ss Capítulo 5		48 a 19 Capítulo 3	
Rostagni	47 a 13 Capítulo 1	47 a 28 Capítulo 1	Caps. 2 e 4 em geral Capítulo 2 e 4	49 a 19 Capítulo 4	47 b 24-27 Capítulo 1	48 a 20-28 Capítulo 3	
Lallot	47 a 13-16 Capítulo 1		Cap. 2 em geral Capítulo 2		47 b 24-28 Capítulo 1	48 a 19-28 Capítulo 3	